

Canto coral e muda vocal na educação básica: contribuições para a formação do educador musical

Cinara Ribeiro Mota

Centro Universitário Metodista Izabela Hendrix

Débora Andrade

Centro Universitário Metodista Izabela Hendrix

Leonardo Barreto Linhares

Centro Universitário Metodista Izabela Hendrix

leonardo.linhares@metodistademinas.edu.br

Resumo: Uma das maiores dificuldades que o professor de canto coral enfrenta em uma escola de ensino médio, onde as aulas são voltadas para adolescentes, é o problema da muda vocal. Segundo BEHLAU (2001), durante a puberdade ocorrem diversas mudanças orgânicas e nesta fase o adolescente perde o controle e a estabilidade da voz, o que acarreta alguns cuidados para o uso da voz cantada. Como a bibliografia em relação ao tema é escassa e desatualizada, os profissionais desta área se encontram desprovidos de uma metodologia com enfoque na muda vocal e acabam optando pela exclusão dos alunos adolescentes que se encontram nesta fase. CANUYT (1978), CAMEILTA, RIOS (2009) e ZANDER (1979) desaprovam a prática do canto para adolescentes em fase de muda vocal. Contradizendo os autores citados acima, LECK (2009), RIBEIRO E VENTURA (2005), SESC (1997) e BEHLAU (2009), sugerem a inclusão em formas diferenciadas. Este artigo objetiva fornecer subsídios teóricos para que o educador musical possa lidar com os problemas ocasionados pela muda vocal, transformando a prática do canto coral em uma prática inclusiva.

Palavras-chave: Muda vocal, canto coral, educação musical.

Introdução

O processo de muda vocal costuma ocorrer no sexo masculino em torno de 13 a 15 anos e no feminino em torno de 12 a 14 anos. Durante a puberdade, ocorrem diversas mudanças orgânicas e, nesta fase, o adolescente perde o controle e a estabilidade vocal. Surgem dificuldades em relação à extensão vocal, ao timbre, à sustentação, e entre outros problemas a voz encontra-se vulnerável a várias alterações. De acordo com Bonne (1994), a mudança da voz é muito drástica, pois para os meninos a extensão cai uma oitava e para as meninas, meia oitava. Nesta fase, a voz se torna disfônica, perde-se a extensão vocal infantil, ocorre perda de agudo e grave na voz e o adolescente fica impossibilitado de alcançar com precisão notas extremas, tanto para o grave como para o agudo. Segundo Behlau (2004), nos meninos os efeitos causados pela muda vocal são mais intensos, afinal as pregas vocais masculinas alongam em até 1 cm. Segundo a mesma autora (2004):



Até a puberdade, a laringe é bastante semelhante em ambos os sexos e, apenas baseando-se na voz em emissão sustentada, é difícil realizar a discriminação do sexo do falante. Neste período ocorre um crescimento corporal, mais acentuado nos rapazes. Esse crescimento associado à ação de níveis hormonais transforma a laringe infantil em adulta, com um inconseqüente impacto vocal (BEHLAU in BEHLAU, 2004, p.244).

O processo da alteração da laringe, durante a fase da muda vocal, causa à voz do adolescente danos negativos para a afinação, pois com o crescimento da laringe as pregas vocais são afetadas diretamente, comprometendo a qualidade vocal do mesmo.

Abordar o tema do problema da muda vocal na prática do canto nos remete ao século XVI, época dos *castrati*, que de acordo com Barbier (1993) eram adolescentes que para manterem o registro de voz aguda, eram submetidos ao processo cirúrgico de corte dos canais dos testículos, evitando que entrassem no período de muda, interrompendo a mudança do registro vocal infantil para o registro vocal adulto. O processo de castração, além de ser uma mutilação física, causava em muitos deles, conflitos psicológicos e, como muitos não alcançavam fama, suas vidas ficavam sem perspectiva. A exclusão do adolescente em pleno século XXI das atividades de canto coral pode causar uma castração psicológica, com a adequação do termo para esse contexto na atualidade. A maior parte dos regentes, por falta de informações, prefere assumir a postura de excluir o aluno das atividades de canto coral, afastando-o de uma prática que poderia ser enriquecedora em sua formação musical e como ser humano.

Com o retorno da música no ensino regular das escolas do Brasil como conteúdo curricular obrigatório através da lei 11.769/08, muitas aulas, incluindo a prática de canto coral, serão voltadas para um público adolescente que, em sua maioria, estão passando pela fase de muda vocal. O canto coral em sua aplicabilidade para alunos em fase de muda vocal requer algumas especificidades, pois são de suma importância os cuidados com a saúde vocal, visto que lidar com um tipo de voz que está vulnerável a várias alterações se torna complexo e perigoso ao educador musical, pois se ele não estiver apto, poderá causar danos negativos à voz do adolescente. Com pouca diversidade de materiais para os coristas e regentes, a exclusão dos alunos em fase de muda vocal na prática de canto coral é comum nas escolas, tendo sido testemunhada pelos próprios autores desse artigo. Por isso, deve-se repensar esse aspecto de forma que as condições especiais desses alunos sejam respeitadas, oportunizando-os a praticarem o canto coral nas escolas.

Os estudos dedicados ao assunto são ainda incipientes, deixando os profissionais desta área desprovidos de uma metodologia com enfoque na muda vocal. Na atualidade o



maestro Henry Leck (1999), fundador e diretor artístico do *Indianápolis Children's Choir*, é uma referência da prática do canto coral aplicada a adolescentes, por outro lado, alguns autores defendem a exclusão desses adolescentes da prática do canto coral, como Canuyt (1978), Zander (1979) e Camelita e Rios (2009).

A presente pesquisa busca, através de revisão bibliográfica e análise do material encontrado, fornecer subsídios teóricos para que o educador musical possa lidar melhor com os problemas ocasionados pela muda vocal na prática do canto coral na educação básica.

Desenvolvimento

Apesar do canto para adolescentes em fase de muda vocal ser um assunto de grande importância, existem poucas publicações a respeito do assunto. Na *Revista do Ensino* do ano de 1926 foi localizada uma matéria que relata a preocupação com a voz do adolescente em fase de muda vocal no canto coral. Na matéria, Vasconcelos (1926) explica as características da muda vocal e fala sobre o processo de exclusão praticado por alguns educadores em contraponto com o trabalho do fisiologista Mackenzie, que aconselha suspender o trabalho com o canto apenas em casos extremos de problemas nas pregas vocais. Porém, após 84 anos da publicação desta matéria, as controvérsias em relação ao tema ainda são muitas. O Fisiologista Mackenzie, citado por Vasconcellos (1926), já sugeria a inclusão do adolescente em fase de muda vocal no canto, através de recursos como limitar o canto às notas médias da voz, indicando um recurso utilizado na época, que pode ser aplicado aos corais de hoje.

Ribeiro e Ventura (2005) relatam que a inclusão do adolescente em fase de muda vocal no canto coral pode acontecer desde que o profissional esteja atento aos aspectos gerais da voz do adolescente. Nesta fase, não é válido trabalhar o aumento da tessitura vocal¹ do adolescente, pois em uma fase onde a instabilidade vocal é gerada pelo crescimento do trato vocal, tal ato seria desastroso. Contudo, para o desenvolvimento do controle neuromuscular laríngeo, a manutenção da força, a resistência muscular das estruturas envolvidas e uma melhor percepção auditiva, a prática, quando bem dirigida, trará resultados benéficos para a voz adolescente.

Alguns tipos de coros podem ser adaptados para os adolescentes em fase de muda vocal. Segundo Barreto (1973) existe o coro declamado, onde o conjunto recita um texto, aplicando interpretação, expressão, ritmos e timbres vocais. Utilizado para os alunos que

¹Segundo BEHLAU e REHDER (1997) tessitura é a quantidade de notas musicais produzidas pela voz cantada sem esforço. (BEHLAU e REHDER, 1997, p. 42).



estão na fase crítica da muda vocal, o coro declamado poderá ter resultados positivos. Existe também o Coral Uníssono ou Homófono, no qual, de acordo com Barreto (1973), as vozes são cantadas com melodia e ritmo igual, facilitando a afinação e a prática de conjunto, sendo comum a utilização de instrumentos acompanhadores para auxiliar as vozes. O coro uníssono aliado ao método sugerido pelo Fisiologista Mackenzie (apud Vasconcelos, 1926) e as fonoaudiólogas Ribeiro e Ventura (2005), que limitam a tessitura das vozes à região média, pode se configurar em uma metodologia que alcance bons resultados.

Existe também a possibilidade em adequar ritmos e repertório que fazem parte do cotidiano musical dos adolescentes como, por exemplo, aproximar o coro declamado ao *Rap*. Costa (2009) esclarece que grande parte dos adolescentes do Rio de Janeiro não se interessam e têm preconceito pelo canto coral, por fazerem uma ligação ao canto orfeônico e à atividade praticada pelo grupo da terceira idade, além de não terem nenhum incentivo pela mídia, em relação ao coro de sua faixa etária. Portanto, a inserção na prática de canto coral de ritmos e repertório mais próximos do cotidiano do adolescente é um fator motivacional, e um aluno motivado, é mais ativo, determinado e participativo.

Existe ainda o coro harmônico ou polifônico, que, segundo Barreto (1973), consiste em um coro onde a prática do canto é executada em uma diversidade de acordes e várias melodias, podendo ser *a capela* ou com acompanhamento. Este pode ser aplicado aos adolescentes que estão finalizando ou já passaram pela fase da muda vocal, visto que, já se encontram com o trato vocal hábil para praticar o canto com melodias variadas, afinal, a voz encontra-se estável e bem formada. Em um coro de adolescentes o regente tem a opção de utilizar concomitantemente o coro declamado, uníssono e harmônico de acordo com os diferentes níveis de alteração no processo de muda vocal dos participantes.

De acordo com o Manual SESC (1997) o ganho do grave que a voz do adolescente tem durante a fase da muda não resulta em perda da voz de cabeça², e através de uma orientação bem dirigida pelo regente, o adolescente poderá cantar usando os dois registros vocais. O manual alerta que “ninguém precisa deixar de cantar porque chegou à adolescência ou está próximo dela. É necessário apenas que se tome cuidado, pois a acomodação da nova voz leva tempo.” (SESC, 1997, p. 61). O Manual SESC (1997) sustenta que em um coral onde existem adolescentes em fase de muda vocal, é preciso que o regente esteja atento para fazer novos arranjos, mudar as tonalidades da música e até mesmo abandonar o repertório inicial.

² Voz de cabeça é a ressonância utilizada na parte alta do trato vocal. (BEHLAU e REHDER, 1997, p. 09).



Outro importante referencial para a pesquisa foi o maestro Henry Leck (2009), fundador e director artístico do Coral da Juventude de Indianápolis, professor Associado e Diretor de Música e atividade coral na Universidade de Butler e especialista em coral para adolescentes. Leck (2009) entende que o sexo masculino não é limitado apenas às vozes graves, e que o processo de cantarem na região aguda, não significa que a voz do garoto sofreu mudança, mas que esta voz apenas foi expandida. Na verdade, ele mantém os meninos cantando na região aguda para que eles não percam a voz de cabeça, e dessa forma, ele mantém a voz que eles utilizavam antes da muda.

Segundo o maestro, após o processo de muda vocal, quando o adolescente assume a voz adulta, a voz aguda não se perde, mas sim, torna-se base para a voz grave. Os adolescentes que, em fase da muda vocal, cantam no agudo, exercitando os vocalizes, tendo como ponto de partida as notas agudas descendo para as graves, expandem o agudo, enquanto a voz grave se desenvolve, além de exercitarem a quebra da voz na zona de passagem.³ Ele afirma que “os garotos que param de cantar no momento em que a voz começa a mudar podem perder a habilidade de gerenciar suas vozes nos próximos anos.” (LECK, 2009, p.184)

De acordo com o maestro, a voz do adolescente deve ser trabalhada utilizando vocalizes a partir das notas agudas descendo para as notas graves, como um glissando. O autor cita, também, como importante para o êxito do desenvolvimento do vocalize, que esse movimento da voz seja associado ao acompanhamento das mãos, que devem imitar o movimento sonoro vocal. Gestos criam imagens que auxiliam na emissão vocal, além de tirar a tensão do pescoço, queixo e maxilar, pois as tensões indicam se o adolescente está cometendo abusos vocais. Segundo Leck (2009):

É importante utilizar a voz aguda do aluno enquanto sua voz está mudando, realizando um exercício de canto decrescente passando pelo intervalo do registro. Pode-se começar no tom Dó no falsete ou voz de cabeça e conduzi-la a um tom mais grave. Fazendo assim, o intervalo será trabalhado ao subir, sem passágios longos ou intervalos. (LECK, 2009, p. 195 -196).

O mesmo autor aconselha ao garoto a beber muita água durante a prática do canto e ficar atento ao repouso vocal, quando o aluno perceber tensões em seu trato vocal. Afirma ainda que os garotos que cantam muito tempo na tessitura aguda precisam repousar a voz por alguns momentos, pois o ato pode causar fadiga vocal ao adolescente. Leck (2009) propõem que “o ideal é encorajar os alunos a cantarem quaisquer que sejam as notas que são capazes”. (LECK, 2009, p. 185)

³ Zona de passagem são as notas intermediárias da voz (BEHLAU e REHDER, 1997, p. 40).



Contradizendo os relatos de Leck, Canuyt (apud MEC, 1978) recomenda que durante a fase da muda vocal as atividades do canto sejam interrompidas, para os problemas causados à voz não se tornarem definitivos e persistentes. O mesmo autor, afirma que:

Nesse período, o canto e os excessos vocais (por exemplo: meninos quando tentam imitar vozes adultas mais graves, sem os devidos cuidados) podem ser responsáveis por danos permanentes da voz. Pois, uma vez que a laringe está em crescimento, e as cavidades bucoaríngeas e a capacidade pulmonar também se expandem, tais mudanças acarretam uma utilização e uma acomodação diferente do aparelho fonador. (CANUYT apud MEC 1978, p.21).

De acordo com Nitsche (apud MEC, 1978) no processo da muda vocal, todos os registros vocais se transferem para a voz de peito, as vozes femininas permanecem nas mesmas cavidades de ressonância, conservando a voz média, porém sofrem alterações de timbre e volume. A de registro contralto fica um pouco mais grave, a soprano se mantém no âmbito da voz infantil. Já a voz masculina, abaixa uma oitava e seu volume e tessitura recorrem à ressonância torácica. O tenor acentua o agudo, mantendo a tessitura grave para a voz de fala. Para ele, as vozes deformadas já haviam perdido a voz mista antes da muda, resultando na constância quase definitiva do timbre da voz de peito, necessitando de muito preparo para alcançar a voz média. Camelita e Rios (2009) afirmam que, durante a muda, deve-se restringir o canto e os abusos vocais, por ser uma fase que a voz está inconstante e vulnerável às agressões. Zander (1979) sustenta que o canto deve ser suspenso, e que a muda pode ocorrer aproximadamente dos 11 aos 17 anos, então, após este período, o adolescente poderá retomar as atividades do canto, gradualmente, sem cometer esforços.

Behlau (2005) sugere que seja avaliada a possibilidade do adolescente cantar ou não em fase de muda vocal, pois assume que há muita discussão sobre o assunto. A autora indica que se deve recorrer ao bom senso, e a uma avaliação da laringe e da função vocal. A mesma ainda afirma que existem adolescentes sem condições para praticarem o canto, pelo motivo de trazerem uma voz instável, e estes devem interromper a prática do canto. Os adolescentes que estão com a fase da muda mais controlada e a voz mais estável estão aptos a realizar as atividades do canto. É necessário que o regente possa identificar as disfonias⁴ na voz.

Leck (2009) dedicou seu estudo ao canto coral para adolescentes e, ao contrário das fonoaudiólogas Ribeiro e Ventura (2005), o maestro defende o trabalho de extensão da

⁴ Segundo BEHLAU e REHDER (1997) disfonias são dificuldades geradas através de fatores funcionais orgânicos ou emocionais na emissão vocal. (BEHLAU e REHDER, 1997, p. 42).



tessitura vocal do adolescente. Segundo ele, através de exercícios de glissando o adolescente pode expandir a tessitura utilizando a voz de cabeça, assim como o manual SESC (1997) que exprime que a voz de cabeça pode ser utilizada por um período, pois bem dirigida não causará danos negativos à voz do adolescente.

Conclusão

Durante a pesquisa, foram constatadas muitas controvérsias sobre a possibilidade de inclusão do adolescente em fase de muda vocal no canto coral e os procedimentos que poderiam ser utilizados pelo regente em relação à metodologia de trabalho vocal. Canuyt (1978) afirma que o adolescente não pode cantar durante a fase da muda, por estar com a voz instável e tal procedimento acarretaria a uma acomodação diferente do aparelho fonador, podendo causar danos permanentes na voz. Netsche (1978) diz que as vozes deformadas já haviam perdido a voz mista antes da muda, resultando na constância quase definitiva do timbre da voz de peito, necessitando de muito preparo técnico para alcançar a voz média. Canuyt (1978), Camelita e Rios (2009) e Zander (1979), acrescentam que o adolescente deve ser suspenso do canto coral durante a fase de muda vocal, justificando que as alterações na voz durante a muda seriam prejudicadas com a técnica vocal e as atividades do canto.

A fonoaudióloga Behlau (2009) relata que nem todos os adolescentes que estão em fase de muda vocal devem ser suspensos da prática do canto, por isso apela ao bom senso em fazer uma avaliação da laringe e função vocal do mesmo. A autora afirma que os garotos que apresentarem condições fonatórias adequadas podem ser mantidos nas atividades do canto, já os adolescentes com grande instabilidade vocal, hiperemia⁵ e edema⁶, devem ser afastados do canto por um período, até que a voz se estabilize. As fonoaudiólogas Ribeiro e Ventura (2005), com o mesmo parecer de Mackenzie (1926), concordam que os adolescentes em fase de muda vocal estão possibilitados a praticar as atividades do canto, porém, utilizando as notas médias da tessitura vocal. As fonoaudiólogas ainda relatam que o canto nesta fase pode trazer benefícios para a voz do adolescente, mas desaprovam o trabalho de aumento da tessitura vocal, acreditando que tal ato seria desastroso para aplicação em uma voz com alterações e desequilíbrios.

Em relação a inserir o adolescente no canto, Leck (2009) é condescendente aos relatos das fonoaudiólogas citadas acima, porém, fundamenta sua metodologia na extensão da

⁵ Hiperemia é o aumento do volume de sangue em um determinado local do organismo. (ABC SAÚDE, 2011)

⁶ Edema é o acúmulo anormal de líquido no espaço intersticial. (ABC SAÚDE, 2011)



tessitura vocal através de vocalizes utilizando glissandos, partindo das notas agudas para as graves. Ele afirma que esta prática oferece benefícios para a voz do adolescente em fase de muda vocal e a inclusão do mesmo nas atividades do canto. O manual SESC (1997) entra em acordo com Leck (2009) sustentando que o adolescente não precisa parar de cantar porque iniciou a fase de muda vocal, apenas é necessário um acompanhamento adequado e consciente por parte do regente.

Com o surgimento de novas metodologias de trabalho vocal durante a fase de muda vocal, tornam-se necessárias novas pesquisas sobre o assunto, envolvendo acompanhamento fonoaudiológico. O educador musical e o regente se bem preparado e fundamentado, tem condições de orientar o adolescente em fase de muda vocal em atividades de canto coral, sem que isso prejudique seu trato vocal. O adolescente precisa ter o direito em optar pela prática do canto coral, oportunizando-o às experiências de musicalização, socialização e performance que tal prática proporciona. Através das metodologias encontradas, ou mesmo a utilização de várias delas, o regente pode incluir o adolescente no canto coral, evitando preconceitos e impedindo que o processo de castração física ocorrido no século XVI se transforme em castração psicológica em pleno século XXI.



Referências

- ABC SAÚDE. Disponível em: www.abcdasaude.com.br/artigo.php?169. Acessado em 08/08/2010.
- BARBIER, P. *História dos castratti*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1993.
- BARRETO, Ceição de Barros. *Canto Coral – Organização e Técnica de Coro*. Petrópolis. Ed Vozes. 1973.
- BEHLAU, Mara, REHDER, Maria Inês. *Higiene Vocal para o Canto Coral*. Ed RevinteR LTDA. 1997.
- BEHLAU, Mara. *A voz do especialista*. Rio de Janeiro: Ed RevinteR Ltda, 2001.
- BEHLAU, Mara. *A Voz do especialista*. Vol. II. Rio de Janeiro: Ed RevinteR Ltda, 2005.
- BOONE, Daniel R. *A voz e a Terapia Vocal*. 5. Ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- CAMELITA, José Manuel Roqués, RIOS, Susana González. *MuCurso Taller de Técnica vocal e higiene vocal*. 2009. 11 f. Cádiz, Sta Crz de Tenerife.
- COSTA, Patrícia. A expressão cênica como elemento facilitador da performance no coro juvenil. *Per Musi*, Belo Horizonte, n.19. p. 63-71, jan. / jul.2009.
- MEC, *O canto na escola de 1º grau*. Uma nova abordagem com proposição de um modelo para desenvolvimento da expressão músico-vocal de crianças e adolescentes. Brasília: Departamento de Documentação e Divulgação, 1978.
- LECK, Henry. *Creating Artistry Through Choral Excellence*. USA: Hal.Leonard, 2009.
- PACHECO, Patrícia Neto. *Muda vocal refletindo sobre a imagem vocal do adolescente*. 1999. 17 f. Monografia de conclusão do curso de Especialista em Voz (Fonoaudiologia) – CEFAC Centro de Especialização em Fonoaudiologia Clínica Voz, Rio de Janeiro.
- RIBEIRO, Lilia Regina, VENTURA, Simone de Miranda. *O Canto durante a Muda Vocal*. 2005. Disponível em: <http://www.linguagemdireta.com.br/publicar/conteudo.php?ID=105> Acesso: 04/07/2010
- SESC. *Canto, Canção, Cantoria: Como montar um Coral Infantil*. 2ed. São Paulo: SESC, 1997.
- VASCONCELLOS, Branca de Carvalho. O canto nas escolas. *Revista do ensino*. Organ Oficial da Directoria da Instrução. Ano II, n. 18. Belo Horizonte, 1926.
- ZANDER, Oscar. *Regência Coral*. Porto Alegre: Ed Movimento, 1979.

